

EDITORIAL

Este número da *Revista do GEL* foi possível graças à colaboração de seis diferentes autores que apresentaram seus textos e os submeteram ao Conselho Editorial da revista. Quatro deles discutem questões a partir da ótica funcionalista, um vale-se da perspectiva histórica para explicar um fato lingüístico e outro propõe uma análise de discurso de orientação semiótica.

Embora o afluxo de textos para publicação não tenha sido muito intenso, apresentamos um número que contempla uma pequena diversidade de perspectivas de pesquisa em atuação nas universidades brasileiras atualmente. A idéia de que a *Revista do GEL* devesse ser uma revista com artigos heterogêneos foi defendida desde a apresentação da proposta inicial de sua criação, durante a décima oitava assembléia do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, em maio de 2001, e, tentando manter essa política editorial, executamos este primeiro número. Esperamos que, a partir das propostas a serem apresentadas futuramente, possamos editar o próximo número da revista contemplando um leque maior das pesquisas realizadas nas diferentes áreas que discutem questões relativas ao estudo da linguagem.

A preocupação com a heterogeneidade não nos impedirá, eventualmente, de publicarmos um número mais homogêneo, na medida em que exista uma quantidade relativa de artigos aprovados pelo Conselho Editorial que nos permita organizar um número temático. O atual número ficou entre a heterogeneidade e a homogeneidade.

Partindo da perspectiva teórico-metodológica da semiótica do grupo de Paris, Ana Cristina Ficker Matte propõe, em seu artigo, examinar cinco versões fonográficas da história de “Branca de Neve e os sete anões” para, a partir da relação entre os conceitos de protagonista e sujeito, explicitar a opção ideológica manifestada em cada uma das versões. Sua tese aponta para uma “escoliose” na narrativa da história infantil examinada, na medida em que, ao logo do tempo, as modificações de sua estrutura indicam que ela não propõe mais a construção da imagem de um enunciatário ativo, mas sim potencial.

Em seu artigo, Ataliba Teixeira de Castilho defende a multidirecionalidade como perspectiva de estudo do sistema da língua. Para tanto, discute a questão da gramaticalização e focaliza esse tema por meio de uma discussão sobre uma perspectiva unirecional ou multidirecional.

O estudo apresentado na revista por Erotilde Goreti Pezatti e Graciele Rodrigues Cucolo tem como propósito demonstrar que os constituintes alocados no início de orações desempenham funções pragmáticas intra-oracionais, tais como a de Tópico, a de Foco ou a de Preparador de Cenário. A defesa de sua tese toma como suporte teórico-metodológico a proposta da Gramática Funcional e seu corpus de análise constitui-se nos registros da norma culta falada no Brasil organizados pelo projeto NURC.

O trabalho de Maria Helena de Moura Neves professa a inter-relação entre a proposta teórica da Lingüística de Texto e a do Funcionalismo. Para discutir a organização dos sentidos no texto examina o processo de referencialização num corpus de textos escritos e demonstra em que medida o Funcionalismo avança nas reflexões lingüísticas que dão sustentação às proposições da Lingüística Textual, que consiste em estabelecer o texto como “uma nova unidade de análise até determinado momento não considerada como passível de investigação”. Para a autora, tratar o texto segundo essa perspectiva significa deixar de focalizar os aspectos mais “fortuitos”, como os estilísticos, privilegiados por outras teorias sobre o texto.

O texto de Mário Eduardo Viaro apresenta uma nova proposta a respeito da etimologia da preposição portuguesa “até”. Partindo do exame das hipóteses de que “até” originou-se da forma *hatta* do árabe e da hipótese de que essa preposição foi uma transformação do advérbio latino *tenus*, o autor irá demonstrar em que medida essas hipóteses não se sustentam quando se observam os registros de língua portuguesa escrita a partir do século XIII.

O artigo de Roberto Gomes Camacho e do Eduardo Penhavel examina a multifuncionalidade do conectivo “e” com o propósito de discutir sua atuação como relator e como marcador discursivo em direção a uma gramática do discurso. Apoiando-se nos princípios metodológicos da Teoria da Gramática Funcional, o trabalho defende a idéia de que, ao invés de se restringir ao estudo isolado da frase, as gramáticas sentenciais devem expandir-se para incorporar procedimentos textual-discursivos.

Após a leitura deste primeiro número da *Revista do GEL*, convido a todos os interessados que tomem a palavra no corpo da revista, por meio da apresentação de uma proposta de artigo científico, para que esta revista torne-se um espaço aberto ao debate entre os pesquisadores das diversas áreas de estudo da linguagem na academia brasileira. Reafirmo, ainda, que a seção de resenhas críticas é interessante para a divulgação de publicações recentes nas áreas de pesquisa da Lingüística e Letras.

Arnaldo Cortina
Editor responsável